

dúvida facilita a leitura, mas cria também falsos pressupostos. Na verdade, a unidade de análise acaba por ser flutuante e contratual, como é a noção de família na realidade da vida social das *élites* catalãs. Assim, o estudo das estratégias de casamento demonstra que a participação na unidade de produção é o factor que define a família (p. 156), o estudo da utilização dos túmulos revela a enorme importância da unidade económica (p. 179), o estudo dos padrões residenciais indica que a unidade familiar é fortemente marcada pelas residências de Verão (p. 47) e todos estes são afectados por laços de amizade ligados à educação de *élite* e pelos saberes necessários ao comportamento de *élite*. A constante redefinição da família é um factor central na sua reprodução através das práticas matrimoniais. Mas «tanto 'endogamia' como 'acumulação' são termos complexos que podem mesmo induzir em erro, se não forem situados num contexto processual. O casamento entre famílias aristocráticas e industrialistas nos finais do século XIX não era propriamente um atravessar de fronteiras, mas sim uma mudança e redefinição dos limites do parque matrimonial de *élite*» (p. 142). Os vários níveis de incorporação social reproduzem-se em inter-relacionamento: o jogo de estratégias da família, perante a pessoa e a comunidade; da pessoa, perante a família e a comunidade; e da comunidade de *élite* impondo-se a e sendo alterada pela pessoa e a família. Através da endogamia, da aliança e da amnésia estrutural (de que o autor nos fala pouco), a família é um meio de integrar situações potencialmente conflituais e de assegurar a dominação ao nível individual, familiar e comunitário.

Em conclusão, *Good Families of Barcelona* é, sem dúvida, um livro que deixará uma marca na antropologia social da Península Ibérica, mas mais pela exploração que faz dos limites tanto do estudo da família como da monografia etnográfica, do que pelo valor substantivo das análises que efectua.

João de Pina Cabral

J. Pujadas e F. Bardaji, *Los Barrios de Tarragona — Una Aproximación Antropológica*, Ajuntament de Tarragona (Área de Relaciones Ciudadanas), 1987, 269 pp.

O livro de Pujadas e Bardaji sobre os novos bairros de Tarragona enquadra-se num projecto de estudo mais amplo sobre etnicidade e processos migratórios em Espanha. A contribuição da antropologia social para a análise deste problema urbano implica uma abertura de horizontes em relação à aplicação de alguns modelos de análise, tradicionais desta disciplina, assim como uma tomada de posição sobre a inserção da antropologia na realidade circundante. Quando os autores afirmam, logo na abertura da introdução, que a realização deste trabalho «não é uma expressão de um saber académico nem de uma atitude de fria e distante assepsia analítica, mas antes uma contribuição comprometida em relação a um problema que

afecta os dois autores, como cidadãos implicados» (p. 11), estão a situar inequivocamente a obra num contexto de intervenção em relação aos próprios colectivos estudados. Por outro lado, e citando Richard Fox, se «a abordagem holística da organização social, da cultura e da comparação cultural é o que torna a antropologia uma disciplina profissional distinta», devendo a antropologia urbana «manter esta visão holística e analisar os lugares urbanos em relação com as sociedades e culturas onde surgem» (R. Fox, *Urban Anthropology*, Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1977, p. 4), não restam dúvidas de que esta aproximação antropológica a uma realidade urbana complexa, apesar de assumidamente incompleta, constitui um desenvolvimento importante para a antropologia urbana ibérica.

1. O crescimento urbano da cidade catalã de Tarragona surge como um resultado directo da sua recente industrialização. A conjugação de três factores interligados — a sua definição oficial como pólo de desenvolvimento industrial descongestionador de Barcelona, a criação de polígonos industriais e a localização da refinaria de petróleo da Catalunha nesta cidade — condicionou, a partir de finais dos anos 50, «o fenómeno social do *novo urbanismo* da periferia de Tarragona» (p. 23). O facto de a maioria dos novos bairros e a implantação das indústrias poderem ser contempladas ao longo de uma estrada, cada qual do seu lado, ilustra claramente esta correspondência directa entre os processos industrializador e urbanístico.

Os novos bairros de Tarragona, nascidos nas últimas décadas e provenientes do surto migratório de diversas regiões (Catalunha, Andaluzia, Aragão, Castela, Estremadura, etc., e de zonas degradadas da própria cidade), aparecem assim como entidades diferenciadas. Bonavista, La Esperanza, Campclaro, Torreforta, El Pilar, Ensanche Torreforta, La Granja, La Floresta, Parc Riu Clar, Urbanización Riu Clar-Icomar, San Salvador e San Pedro y San Pablo são aqui analisados comparativamente segundo alguns parâmetros comuns — origem da população, distribuição etária, história do bairro, composição social, identidade étnica e social, movimento associativo e outras mobilizações cívicas —, através de uma rigorosa descrição individualizada. Os capítulos que se lhes referem exigem, por vezes, um certo esforço de paciência por parte do leitor desconhecedor desta realidade tarragonense, pela forma um tanto repetitiva como os dados são apresentados — facto, no entanto, plenamente justificado pelos próprios objectivos do livro.

Facilmente delimitáveis como unidades de pesquisa, estes bairros constituem o suporte empírico de uma primeira abordagem do fenómeno da imigração maciça e suas consequências sociais e urbanísticas. Sobre um tema tão vasto e complexo, o presente livro de Pujadas e Bardaji apenas pretende ser uma contribuição inicial: simultaneamente, uma síntese imprescindível, como primeiro passo de um projecto mais amplo que inclua uma monografia sobre cada bairro periférico, e uma «publicação acessível aos cidadãos de Tarragona, que sirva de referência e base de discussão para os vizinhos dos bairros e outros cientistas sociais» (p. 11). A própria organização do livro contempla estes objectivos: uma introdução contextualizadora (em termos metodológicos e sociohistóricos) dos doze bairros apresentados, a informação sobre estes sistematicamente apresentada através de um confronto recorrente entre as recolhas docu-

mentais (estatísticas, registos municipais, periódicos, etc.) e a observação directa, um precioso anexo que sintetiza num quadro cronológico os dados mais importantes sobre industrialização, urbanização, movimentos sociais e associativismo cultural e étnico, além de uma extensa lista de fontes e bibliografia utilizadas. A sua utilidade situa-se, desta forma, no contexto do movimento vicinal e pretende contribuir para a compreensão de problemas geralmente marginalizados pelo conhecimento científico-académico, tais como a crise do movimento associativo reivindicativo e o recrudescimento das lutas sindicais, ou o processo de «normalização cultural», que parece começar a despontar com bases sociais diversas das existentes no tempo do franquismo...

Esta concepção dinâmica da realidade estudada — e, conseqüentemente, da antropologia como forma de conhecimento implicado na realidade que estuda —, esta convicção de que os actores possuem a capacidade de agir sobre os seus próprios destinos, constitui um dos eixos estruturantes desta pesquisa urbana. A emergência de Bonavista, bairro espontaneamente autoconstruído de uma forma coordenada, numa solução improvisada tendente a permanecer; a «batalha urbanística» de mais de dezoito anos contra a especulação de terreno, liderada por um grupo activo de vizinhos de La Granja, decididamente empenhados em lutar por um bairro melhor e mais digno; ou, ainda, o caso de La Floresta, «periferia da periferia», cujo movimento sindical e cívico contribuiu para «a cristalização de um sentimento de participação e de maturidade cívica dos seus habitantes», destacando-se «o baixo nível de delinquência, quase nulo consumo de drogas e um alto espírito de conservação das instalações e infra-estruturas públicas» (p. 163), são apenas alguns dos casos apresentados, esclarecedores da importância da capacidade mobilizadora dos seus habitantes na construção destes bairros como verdadeiras comunidades integradas.

2. A problemática abordada — crescimento urbano e processos de contraste cultural —, de longa tradição de estudo noutros países, é, neste caso, inovadora. A maioria dos estudos sobre imigração em Tarragona desde o pós-guerra até hoje, além de escassos e pouco documentados empiricamente, são de tipo sociodemográfico ou teórico-doutrinários. A presente obra, ao encarar a relação entre autóctones e imigrados como um processo interactivo e de mútua adaptação, e não só como um confronto apenas resolúvel numa assimilação cultural passiva por parte do imigrado, opera uma mudança de perspectiva fundamental em relação aos trabalhos antecedentes [com algumas honrosas excepções, como é o caso do livro de Jaume Botey *Cinquante-quatre relats d'immigracion*, cuja conclusão de que «a problemática da imigração não se reduz a uma mera questão de integração sociocultural no país de residência, pois os colectivos imigrados criaram as suas próprias bases culturais e transformaram o tecido humano da Catalunha» (p. 16), é partilhada pelos autores]. A análise feita sobre a construção da identidade cultural dos filhos de imigrantes (sobretudo andaluzes e estremenhos) de Torreforta ilustra bem esta questão. O facto de os jovens escolherem o seu bairro, o grupo de idade, ou o serem espanhóis é uma das formas de neutralizar a oposição entre o lugar de origem dos pais e a Catalunha. A noção de identidade social não é estática; prende-se com um certo tipo de relações sociais e pode adoptar várias for-

mas: étnicas, profissionais, locais, sexuais, etc. O caso das operárias de El Pilar que, através das relações de solidariedade criadas no trabalho, se integraram no bairro é disto um bom exemplo. Os autores recusam-se, assim, a reproduzir uma «taxonomia valorativa e teleológica, baseada num esquema de classificação dualista» entre imigrantes de primeira e segunda geração, criticando conceptualizações etnocêntricas.

A hipótese teórica de que «a integração sociocultural das populações imigradas requer, por um lado, uma promoção socioeconómica e laboral destas populações e, por outro, um retraçamento urbanístico assistencial e de serviços que rompa com as barreiras entre centro e periferia» (p. 18) leva à classificação de duas grandes categorias em que o *continuum* urbano se pode classificar: zonas degradadas que geram uma atitude de desvinculação e de transitoriedade; e zonas urbanisticamente qualificadas que criam uma vinculação positiva e enraizamento, categorias estas que encontram dois casos paradigmáticos em La Granja e Parc Riu Clar. La Granja, bairro operário jovem, com uma população etnicamente bastante diversificada quanto à sua origem, embora com um forte sentimento de pertença a uma *élite* operária e com um urbanismo de uma certa qualidade, é percebida pelos seus habitantes como um bairro não periférico, final de um percurso migratório, «como o centro da periferia dos bairros a poente» (p. 146); enquanto a história da Parc Riu Clar, bairro pequeno e de baixa condição socioeconómica, é marcada pelo signo da não comunicação, marginalizada do *continuum* urbanístico de Tarragona.

3. Uma das partes mais interessantes desta obra, quanto ao seu sentido teórico geral, situa-se nos princípios metodológicos elaborados para a abordagem desta realidade urbana escolhida pelos autores. «Uma atenção especial [...] à narrativa *emic*, a recompilação de biografias pessoais ou histórias de vida, que nos permitiu uma aproximação imediata, humanizada e também subjectiva ao acontecer quotidiano da vida familiar e colectiva das doze comunidades estudadas», constituiu o pano de fundo desta investigação de antropologia urbana que privilegiou a dimensão da vida pública de cada bairro, «a análise dos processos mais visíveis e influentes na vida colectiva: as mobilizações populares e a vida associativa» (p. 18). A realização de histórias de vida de famílias imigradas, como um contraponto da dimensão pública estudada, apesar de ainda pouco desenvolvido numa obra geral e de síntese como é esta; a reconstrução de redes de parentes, conterrâneos e amigos na abordagem da sociabilidade — formal e informal — no sentido de «descobrir os mecanismos de solidariedade e de ajuda mútua como elementos-chave nos processos de migração» (p. 19), e a atenção prestada ao papel das associações de bairro — culturais, recreativas, reivindicativas e, sobretudo, de vizinhos — constituíram a «tripla opção analítica» escolhida pelos autores neste estudo, consciente e explicitamente incompleta, já que são os próprios que alertam para o facto de que «a sociabilidade dos bairros de Tarragona vai muito além do que aqui é descrito, pois baseia-se, em geral, numa intensa relação vicinal [...] Esta é uma dimensão à qual se terá de prestar muito mais atenção em estudos posteriores mediante a técnica de observação participante que, em conjunto com as outras três utilizadas (histórias de vida, redes sociais e análise de associações), constitui a pedra de toque da metodologia antropológica»

(p. 20). Finalmente, a explicitação dos dois problemas metodológicos fundamentais neste tipo de pesquisa — dificuldade na apreensão da esfera do privado e mediatização da dinâmica da vida colectiva pelos líderes comunitários —, assim como a estratégia de análise escolhida, no sentido de melhor respeitar as próprias características do objecto de estudo em causa, constituem um dos *apports* mais ricos deste estudo, pela imaginação antropológica, rigor e honestidade científicos expressos.

*Graça Índias Cordeiro*

Sally Cole, *The transformation of women's work and the construction of gender in a Portuguese parish: 1910 to 1985*, Ph. D. Thesis, University of Toronto, 1987.

*The transformation of women's work and the construction of gender in a Portuguese parish: 1910 to 1985*, tese de doutoramento de Sally Cole, é um texto bastante inovador, tanto no domínio teórico como no domínio etnográfico em que se desenvolve: as categorias sociais do género (*gender*) e as comunidades piscatórias, respectivamente.

Desde os anos 70 que a questão das categorias de género se tem vindo a impor na literatura antropológica. O reconhecimento de que o género, feminino ou masculino, é uma categoria socialmente produzida e cujo significado varia cultural e historicamente permitiu ultrapassar o *bias* naturalista através do qual se pensavam essas categorias. Se grande parte dos textos produzidos nesse domínio se debruçam sobretudo sobre a variabilidade cultural dos conteúdos dessas categorias, Sally Cole procura ir mais longe ao propor-se analisar os processos sociais que estão na base da sua construção (que, esses sim, poderão explicar a sua variabilidade). Neste sentido, Cole analisa a forma como, num determinado momento, os valores ideológicos, as condições económicas e a conjuntura social se conjugam para atribuir significado a uma categoria de género.

A hipótese que Cole defende é a de que, num contexto de desenvolvimento económico, existe uma relação entre o trabalho desempenhado pelas mulheres e a construção social do género feminino. A discussão desta hipótese decorre no contexto social de Vila da Praia, uma aldeia de pescadores do concelho de Vila do Conde, cuja origem data do último quartel do século XIX. Até aos anos 60, Vila da Praia é caracterizada por uma economia de subsistência, baseada na pesca e na qual as casas eram unidades de produção e reprodução auto-suficientes. Depois dos anos 60, como resultado do processo de industrialização que se começa a verificar no Norte do País, e com a consequente procura de mão-de-obra, a população começa a trocar a sua actividade tradicional pelo trabalho assalariado na fábrica. Inicia-se então um período de economia baseada no salário no qual a casa passa a ser uma unidade de consumo e reprodução dependente do salário dos seus membros.

Um dos aspectos mais interessantes do texto de Sally Cole é a forma como nele é utilizada a perspectiva histórica. Esta encontra a sua riqueza

descritiva e complexidade analítica na forma como Cole utiliza sistematicamente três níveis diferentes de tempo histórico: 1) a história local — dando conta do processo de formação e desenvolvimento da comunidade e do seu quotidiano; 2) a história nacional — que, acompanhando a primeira, permite a sua contextualização e lhe atribui significado no contexto global da sociedade portuguesa; 3) as histórias de vida — fundamentais, na medida em que lhe permitem entrar na consciência das pessoas, analisar as suas estratégias conscientes e a manipulação que fazem dos ideais culturais no sentido de negociar a sua identidade. Assim, Cole revela os indivíduos como detentores de um papel fundamental na construção das categorias sociais de género.

Na utilização desta perspectiva histórica, Sally Cole procura conciliar uma análise do contexto socioeconómico com uma análise do contexto ideológico, na medida em que defende que as condições materiais em que vivem os indivíduos constituem os limites dentro dos quais estes manipulam os valores locais e nacionais de forma a produzirem conteúdos conjunturais de categorias sociais que maximizam os seus objectivos e estratégias. A ênfase no factor trabalho como elemento fulcral na construção das categorias de género parece resultar desse procedimento analítico. De facto, Cole verifica que, ao longo do período em que centra a sua análise, existem diferentes significados para a categoria de género feminino e que essas diferenças variam tanto historicamente (antes e depois dos anos 60) como, num mesmo período, entre os dois grupos sociais que dividem a comunidade — lavradores e pescadores. O factor que varia, tanto no tempo como no mesmo período, é o trabalho desenvolvido pelas mulheres.

As mulheres de pescadores definem-se a si próprias e são definidas como *trabalhadeiras*. «Ser mulher é ser trabalhadeira.» A sua actividade é a de gerir a casa, procurando constantemente um aumento dos recursos domésticos que maximize o seu bem-estar quotidiano. Assim, elas não só fazem em terra os trabalhos complementares à pesca, actividade desenvolvida pelos maridos, como se dedicam à apanha e venda de sargaço e à salga de peixe para venda posterior. Neste mesmo período, as mulheres dos lavradores definem-se e são definidas como *donas de casa* e a sua actividade de gerência do bom funcionamento desta não era produtiva, mas apenas reprodutiva. Verifica-se portanto que, numa mesma comunidade, num mesmo período histórico, as condições materiais de existência dos indivíduos se mostram decisivas nos processos ideológicos de produção de significado para as categorias sociais, pois resultam de estratégias maximizadoras, elaboradas por indivíduos. De facto, ainda que ser trabalhadeira corresponda, ao nível da comunidade, a um estatuto social inferior, os pescadores adscvem-lhe um significado positivo muito forte. Pertencer a esta categoria é fonte de orgulho, pois revela a eficácia da gestão da unidade doméstica e uma autoridade e um poder de decisão dentro desta que não são discutidos. Este conteúdo é de tal forma importante que o factor decisivo de selecção do parceiro de matrimónio é o facto de se ser bom(a) trabalhador(a). «A mulher faz o dinheiro, o dinheiro não faz a mulher. Mais vale uma trabalhadeira pobre que uma gastadeira com dote.» (Cf. Cole, 1987, p. 93.)

Historicamente, o significado da categoria de mulher na comunidade piscatória varia, no decorrer dos anos 60, de *trabalhadeira* para *dona de*